



CHILE / Na terceira tentativa de chegar ao Palácio de La Moneda, José Antonio Kast derrota a governista Jeannette Jara, com 58,1% dos votos. Sem maioria no Legislativo, o advogado, de 59 anos, fez um apelo à conciliação nacional no discurso da vitória

Guinada à ultradireita

Em um dos pleitos mais polarizados da história chilena recente, o ultraconservador José Antonio Kast foi eleito presidente com 58,1% dos votos, derrotando a candidata de esquerda Jeannette Jara, que obteve 41,8%. A vitória marca uma guinada política para a extrema-direita, em meio a um clima de crescente preocupação com segurança pública e imigração, além da insatisfação com a economia. O fundador do Partido Republicano chega ao Palácio de La Moneda em 11 de março, porém com um desafio que poderá limitar as promessas de campanha: a falta de maioria absoluta no Congresso Nacional.

Por volta de 22h, diante da multidão que o aguardava em frente ao quartel-general de sua campanha, no centro de Santiago, Kast destacou que a vitória não foi dele nem de seu partido, mas do país. “Quem ganhou foi o Chile. O Chile que trabalha, que cria seus filhos com muito sacrifício (...) e que só quer viver tranquilo.” O presidente eleito também afirmou que, por muito tempo, os governantes do país esqueceram que tinham “obrigações com o povo”, assegurando que trabalhará incansavelmente pelos chilenos.

Com um discurso conciliatório, o republicano pediu respeito de seus apoiadores aos adversários políticos e convidou a oposição a ajudá-lo nos próximos quatro anos. “Serei o presidente de todos os chilenos. Um governo não se constrói apenas com seus partidários”, disse.

Hoje pela manhã, Kast, a mulher dele, María Pía Adriasola, e a equipe do republicano serão recebidos pelo presidente Gabriel Boric em La Moneda, convite feito pelo mandatário no telefonema de congratulações. Boric parabenizou o republicano pela vitória, destacou a responsabilidade do cargo e aconselhou “muita cautela, humildade e trabalho árduo”. Mais cedo, discurso do pátio do palácio, acompanhado pelos ministros. “No fim das contas, a bandeira chilena nos une a todos”, disse.

Ex-ministra do governo Boric, a comunista Jeannette Jara reconheceu o revés da coalizão de esquerda. No discurso à equipe e aos eleitores, disse estar “conveniente de que devemos respeitar a decisão cidadã, porque é na derrota onde mais se aprende e deve ser mais profunda a convicção

AFP



O presidente eleito e a futura primeira-dama Maria Pia Adriasola acenam para eleitores após vitória: posse em 11 de março de 2026



Contamos com a colaboração de todos. Vamos nos unir para reconstruir o Chile”

José Antonio Kast, presidente eleito do Chile

democrática”. Na rede social X, ela contou que conversou com Kast. “A democracia falou alto e claro. Acabo de me comunicar com o presidente eleito @joseantoniokast para lhe desejar sucesso pelo bem do Chile”, escreveu. Esse foi o pior desempenho da esquerda desde a redemocratização do país, em 1990.

Também pelo X, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva parabenizou Kast, destacando o “processo eleitoral democrático, transparente e ordenado”. Lula afirmou que segue “trabalhando com o novo governo chileno em favor do fortalecimento das excelentes relações bilaterais”. Já o argentino Javier Milei afirmou, na rede social, estar “seguro de que vamos trabalhar juntos para que a América abrace as ideias de liberdade e possamos nos libertar do jugo opressor do socialismo do século 21”. O secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio, escreveu em sua conta que os Estados Unidos pretendem “fortalecer a segurança regional e revitalizar nossa relação comercial”.

Negociações

Na campanha, Kast se concentrou na promessa de adotar uma

postura dura contra o crime. Inspirado pelo norte-americano Donald Trump, a quem já elogiou diversas vezes, anunciou uma cruzada contra a imigração irregular, prometendo expulsar os cerca de 300 mil estrangeiros que estão no Chile sem autorização. Agora, porém, ele dependerá de negociações e concessões parlamentares em um quadro fragmentado para colocar em prática o programa de governo responsável por elegê-lo na terceira tentativa de chegar ao poder.

Nas eleições legislativas de 16 de novembro, a Unidad por Chile, que apoiou Jeannette Jara, obteve 61 dos 155 assentos. As forças de direita e ultradireita — incluindo a coalizão alinhada com Kast (Cambio por Chile) e a direita tradicional (Chile Grande y Unidos) — somaram 76 cadeiras, menos do que a maioria absoluta (78), e

dependendo de partidos menores para aprovar leis importantes.

No Senado (50 assentos), a composição também não favorece uma maioria clara: os blocos combinados alinhados com a direita ficaram com cerca de metade das cadeiras, com outros grupos e independentes mantendo votos decisivos em temas-chave. Para avançar nas propostas sobre segurança, imigração, corte de despesas e reforma tributária, o presidente eleito terá de negociar com partidos de centro ou até mesmo de esquerda.

No discurso da vitória, Kast reforçou que o povo chileno está com medo da criminalidade e insatisfeito com a educação, a saúde e a economia, e pediu que todos o ajudem a mudar o país. “Aqui não há soluções mágicas, não se muda de um dia para o outro. Por isso, contamos com a colaboração de todos. Vamos nos unir para reconstruir o Chile.”

Perfil

Filho de imigrantes

Casado, pai de nove filhos e descendente de imigrantes alemães, José Antonio Kast, 59 anos, é formado em direito, católico e fundador do movimento de extrema-direita Acción Republicana. Tentou a presidência nas duas últimas eleições com um polêmico discurso antiaborto, mesmo em caso de estupro, e contrário à pílula do dia seguinte. Também já defendeu o governo ditatorial de Augusto Pinochet (1973-1990) e reprova o casamento homoafetivo. Na campanha vencedora, porém, evitou opinar sobre esses temas e optou pela pauta da segurança pública.

De temperamento calmo, afirma ser democrata e evita os exageros de outros líderes da extrema-direita com quem é comparado, como Jair Bolsonaro ou o argentino Javier Milei. Diante da preocupação dos chilenos com o aumento da insegurança e da migração, propôs uma luta implacável contra o crime por meio da deportação dos 330 mil migrantes irregulares que vivem no país, aos quais culpa pelo aumento da criminalidade.

Kast é o caçula de um casal de alemães que emigrou para o Chile, onde fundaram um próspero negócio de embutidos. O pai foi membro do partido de Adolf Hitler, mas o presidente eleito negou que fosse partidário do movimento nazista, afirmando que teria sido recrutado à força.

O ultradireitista foi deputado por 16 anos. Em 2016, deixou o União Demócrata Independente (UDI) e, três anos depois, fundou o Partido Republicano.

TERROR NA AUSTRÁLIA

Ataque a tiros durante celebração judaica

AFP PHOTO / UGC / MIKE ORTIZ



Aflitas, pessoas fogem do tiroteio, que deixou ao menos 15 mortos, incluindo um dos dois atiradores, e 42 feridos

Terminou em tragédia a comemoração do primeiro dia do Hanukkah, uma festividade judaica conhecida como Festa das Luzes, na praia de Bondi, em Sydney, na Austrália. A celebração, que reuniu aproximadamente mil pessoas, foi interrompida pela ação de dois homens armados, deixando ao menos 15 mortos e 42 feridos. As autoridades classificaram o ataque como “terrorista” e “antisemita”.

Os atiradores eram pai e filho, de 50 e 24 anos, respectivamente. O pai morreu no local. O jovem está hospitalizado, segundo a polícia.

O primeiro-ministro da Austrália, Anthony Albanese, declarou, em discurso televisionado, que se tratou de um ataque direcionado contra judeus australianos. “Um ato de maldade, antisemitismo e terrorismo que atingiu o coração da nossa nação”, assinalou.

Os australianos elevaram ao status de “herói” um homem que entrou em luta corporal com um dos atiradores até conseguir desarmá-lo. Identificado pela emissora local 7News, o vendedor de frutas Ahmed al Mohd, de 43 anos, foi atingido por dois disparos e está hospitalizado.

Artefato

A polícia informou ter encontrado “artefatos explosivos improvisados” em um veículo próximo ao local da festa, ligado ao

“criminoso falecido”. A praia de Bondi, no leste de Sydney, é uma das mais populares do país.

Entre os mortos está o rabino Eli Schlanger, 41 anos. Nascido em Londres, pai de cinco filhos, ele

atuava como assistente no centro cultural judaico Chabad de Bondi, contou seu primo-irmão à publicação britânica Jewish News. “Como é possível um rabino alegre que foi a uma praia espalhar luz

e felicidade, para fazer do mundo um lugar melhor, perder a vida dessa maneira?”, desabafou o também rabino Zalman Lewis, radicado em Brighton, na Inglaterra.

Autoridades de todo o mundo condenaram o ocorrido, da Europa aos Estados Unidos, onde presidente Donald Trump declarou que se tratou de um ato “puramente antisemita”. O Itamaraty repudiou o atentado. Não há registro de brasileiros entre as vítimas.

Por sua vez, o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, repreendeu o governo da Austrália por ter reconhecido o Estado palestino.

Por meio de um comunicado, o ministério palestino das Relações Exteriores afirmou repudiar “todas as formas de violência, terrorismo e extremismo” e externou solidariedade à Austrália — o país reconheceu o Estado palestino em setembro passado, ao lado de Reino Unido e Canadá.

Na Espanha, o chefe de governo Pedro Sánchez apelou a “esforços incansáveis para erradicar o antisemitismo e o terrorismo” em mensagem no X. Também em publicações nas redes sociais, o

presidente da Argentina, Javier Milei, classificou de “horror” o ataque no Hanukkah.

Os serviços de emergência receberam as primeiras ligações por volta das 18h47 (4h47 no horário de Brasília), segundo a polícia. “Ouvimos os tiros. Foi chocante. Parecia que foram 10 minutos de ‘bang, bang, bang’! Parecia uma arma potente”, disse Camilo Díaz, um estudante chileno de 25 anos que estava na celebração, à agência de notícias France Presse (AFP).

Assustadas, as pessoas correram para deixar as areias de Bondi, na tentativa de escapar da mira dos atiradores. O acesso à praia ficou repleto de pertences abandonados, observou um jornalista da AFP presente no local. Harry Wilson, um morador de 30 anos, disse ao Sydney Morning Herald que viu “pelo menos 10 pessoas no chão e sangue por todo lado”.

O presidente da Associação Judaica da Austrália, Robert Gregory, ressaltou que o ataque foi “uma tragédia absolutamente previsível” e denunciou o governo por “não tomar medidas adequadas para proteger a comunidade judaica”.